

# A AIDS SOB A ÓTICA DO SURDO ADULTO JOVEM

## AIDS ACCORDING TO THE VIEW OF THE DEAF YOUNG ADULT PEOPLE

Isabel CB Bento<sup>1</sup> & Sonia MV Bueno<sup>2</sup>

### RESUMO

**Introdução** : este trabalho trata de um estudo feito com surdos adultos jovens, de uma classe de Educação para jovens e adultos do período noturno de uma cidade do interior paulista, sobre o conhecimento dos mesmos, a respeito da aids. **Objetivo**: verificar o entendimento que os surdos têm a respeito da aids, para conjuntamente se proporem ações educativas voltadas para as dúvidas e inquietações demonstradas pelos mesmos. **Métodos**: para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas individuais e coletivas, utilizando-se a linguagem de sinais, gravadas em vídeo, com acompanhamento de um instrutor de LIBRAS, sendo posteriormente transcritas. Foi utilizada também a Observação Participante dos sujeitos, para melhor compreender a realidade vivida pelos mesmos, em sala, durante as aulas e em dinâmicas realizadas, com registro em diário de campo. Os dados foram analisados qualitativamente, através de análise temática, conforme descrito por Minayo. Nesta pesquisa foi utilizada a pesquisa-ação no referencial teórico metodológico proposto por Paulo Freire. **Resultados**: foram entrevistados nove surdos, seis do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades entre 18 e 25 anos, todos cursando a 3ª Série do Ensino Fundamental, sete solteiros e um casal que vive amasiado, ocupando funções em profissões braçais ou subalternas ou mesmo sem ocupações e aposentados, todos católicos. Seis freqüentam a Associação de Surdos local num tempo entre 1 e 3 anos, época da fundação da mesma. Depreendeu-se que os surdos têm dificuldade em lidar de forma adequada com os conhecimentos que são veiculados, demandando uma adequação a estas informações à sua compreensão. Fizeram em suas falas ligação da aids com aspectos como promiscuidade, drogas, algo a ser evitado, morte e contato com sangue. Os surdos pesquisados conhecem a necessidade de evitar o contágio da aids, porém carecem de maiores conhecimentos a respeito das suas formas de contágio. Chamou atenção a questão dos surdos relacionarem a aids com algo visível, como o emagrecimento. **Conclusão**: o fato de todos os surdos pesquisados estarem cursando a 3ª Série do Ensino Fundamental, demonstra a dificuldade que os mesmos têm em acompanhar a escolaridade na faixa etária esperada, visto a compreensão que as escolas ainda têm de que a oralização está em primeiro lugar, em detrimento aos conteúdos curriculares, e que a fala é o que inclui o surdo no mundo ouvinte. É certo que os surdos, apesar da dificuldade na apreensão de informações veiculadas para ouvintes, conseguem tomar parte de conteúdos sobre as questões referentes a aids. Porém, entendemos que algumas formas de nivelamento devem ser efetuadas para suprir o necessário para uma tomada de decisão frente à prevenção do contágio pelo vírus da aids. Não existe de forma alguma a necessidade de que o conteúdo seja ajustado aos surdos, pois os mesmos não têm comprometimento em sua inteligência pelo fato de serem surdos. É imperioso, sim, que a linguagem utilizada seja trabalhada para a melhor captação de informações, visto que a maior parte delas, no caso dos sujeitos estudados, são otimizadas pelos sentidos da visão e do tato. Experiências em que são utilizados recursos visuais ricos, bem como surdos que são exercitados em sua capacidade de se tornarem agentes multiplicadores das informações recebidas com seus pares, parecem ter resultados bastante promissores. Profissionais de educação e saúde precisam estar atentos para a peculiaridade da linguagem dos surdos, respeitando-os como uma cultura que tem, como experiência única e exclusiva, a não-utilização da audição, o que não os faz *menos*, e sim *diferentes*, e por conta desta diferença precisam ser respeitados e atendidos como cidadãos capazes e detentores dos mesmos direitos de todos os ouvintes, dentro de uma sociedade igualitária e justa.

**Palavras-chave**: surdos, educação, aids

### ABSTRACT

**Introduction**: this paper divulges a study about AIDS, realized with deaf youngful adults, from a schollroom for young and adults, at nocturnal, from a interior town of Brazil (São Paulo State). **Objective**: the aim consisted in to observe the deaf's comprehension about AIDS, to offer educative actions with them, and to eliminate their doubts and inquietudes. **Methodos**: the data acquisition consisted in the accomplishment of personal and collective interviews, by means of Brazilian Language of Signals (In portuguese, LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais). There was the attendance of a LIBRAS instructor. The interviews were recorded at video and, afterwards, they were transcribed. At this process, there was the need of application of a person communicating observation, in order to unveil better their scholar life. There was the realization of collective actions too. The data were registred in the research daybook. Therewith, it was possible to analyse the data in a qualitative manner, through thematic analysis; as according to a Minayo's writing. In this research, there was the utilisation of the search-action system (In portuguese: pesquisa-ação) by Paulo Freire, an important brazilian educator. **Results**: nine individuals were listened: six male deaf vollunteer and three famale ones, among 18-25 years old, and all follow a course at secondary scholl (brazilian scholar third level). Seven are single and the others two compose a concubined couple. They are manual labourers or actuate in subaltern jobs, some of them have no employment; others are pensioner. Everybody are Roman Catholic. They frequent a association for deaves during one and three years, since its foundation. The researcher noticed the deaf presents hardness to comprehend the proper manner to struggle against the knowledges. This evidence claims some methods which adjust the data to comprehension. They entail AIDS to promiscuousness, drugs, death, proximity with blood and something to be avoided; they know the needs to avoid the illness, but they have no suitable information about the infection manners. Another search important datum: the deaves understand which AIDS is a visible thing, for instance: the emaciation. **Conclusion**: the scholar delay, whereas their age group, means very difficulty to follow the course. The cause consists in the following olden conception of brazilian scholls: the insertion of the pupil at the society depends on the oral language necessarily, in detriment of knowledges. Although the difficulties, the deaves obtain data about AIDS reasonably. Nevertheless, the researcher believes there is the needs the accomplishment of an adaptation course for deaves, that is, a kind of the levelling, in order to objectify at least decision-making about prevention of AIDS. There is the needs the levelling contents are adjusted for deaves, because they have no cognitional shortage due to deafness. It is important the language is ministered conveniently: it is necessary to improve the informations and to take advantage of optimization of others feelings which deaves have: sight and tactile sense. The practice unveils some results very promising, when improved visual exercises were utilized properly. They are activity which enable the deaves to become multiplying agents by means of the informations which they received. Education and Health Professionals need to worry about peculiarities of the deaf language; in this manner, the deaf culture need to be respected in its singularities. The unique difference between deaves and another people consists in non-use of hearing. Obviously, therefore the deaves are not less important than somebody else; they are only different. Due to this dissimilarity, they need to be respected and attended, because they are able citizens and have the same rights, at a just and equalitarian society.

**Keywords**: deaves, education, aids

ISSN: 0103-0465

DST – J bras Doenças Sex Transm 17(4): 288-294, 2005

<sup>1</sup>Enfermeira, doutora pelo Departamento EPCH da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (EERP/USP)

<sup>2</sup>Pedagoga, Livre Docente/Associada, professora do Departamento EPCH da EERP/USP

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho originou-se de uma inquietação pessoal das pesquisadoras que, inseridas no contexto de educação preventiva para sexualidade, IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e aids, depararam-se com uma comunidade especial dentro de nossa sociedade: os surdos. E, abordar as temáticas descritas por uma população ouvinte, que tem acesso a inúmeras informações, pelo simples fato de ouvir, já é extremamente desafiador, como se pode perceber em trabalho anterior<sup>1</sup>, que dirá por uma população especial, com características próprias e necessidades diferentes, no que diz respeito à comunicação. Isto, por si só, torna-se intensamente instigante, carecendo de cuidado especial.

Ao se voltar para a especificidade do surdo, Ferreira Brito *apud* Bernardino<sup>2</sup>, refere que existem três filosofias educacionais voltadas a eles: o oralismo, que defende o aprendizado apenas da língua oral, o bilingüismo, que defende o aprendizado da língua de sinais como primeira língua, ou língua nativa, e a comunicação total que, reconhecendo no surdo sua diferença e sua especificidade, abre outras possibilidades de comunicação. A primeira proposta fundamenta-se na *recuperação* da pessoa surda, sendo esta denominada *deficiente auditivo*.

No segundo caso (*bilingüismo*), a língua é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo, desempenhando também a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social.<sup>2</sup>

A proposta deste estudo, tendo em vista o pequeno investimento da educação preventiva em sexualidade, IST e aids, direcionada exclusivamente aos surdos, é discutir a inclusão social do mesmo na sociedade ouvinte, sobretudo para as questões que se relacionam com sua saúde sexual e reprodutiva.

Para o desenvolvimento deste trabalho, estudamos surdos adultos jovens, nos comunicando-nos através da LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira), o que permitiu identificar –lhes o pensamento, o conhecimento e as dúvidas sobre a aids. Encontramos na Pesquisa-Ação um método favorável ao levantamento de problemas e busca de soluções, através de estratégias pedagógicas alternativas, contemplando assim a participação, a comunicação e a linguagem, em conjunto pesquisador e pesquisado, para a construção de conhecimentos e de habilidades, de forma crítica e reflexiva. Isto nos permitiu a detecção de hábitos e atitudes com relação à pessoa surda, favorecendo a construção de um possível comportamento consciente, seguro e responsável na vivência da sexualidade, subsidiando o exercício pleno da cidadania. Se não fosse desta maneira, acreditamos que o trabalho ficaria incompleto com nossos sujeitos, caso as pesquisadoras não envidassem todos os seus esforços para se aproximarem de sua cultura, de sua língua e de sua forma peculiar de comunicação.

Sabe-se que a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>3</sup>, em seus artigos 58 e 59, também se volta para pessoas com necessidades especiais, preconizando a existência de serviços de apoio, métodos, técnicas, recursos adequados, bem como professores com especialização para atendimento nelas incluídos os surdos. Porém, ainda é insipiente o atendimento a estas prerrogativas, e os surdos, em sua maioria, ficam à margem de gozar plenamente os seus direitos, inclusive o acesso ao conteúdo curricular escolar, justamente pela dificuldade em se adequar à linguagem utilizada às suas necessidades peculiares<sup>4</sup>.

A informação, à qual o surdo tem acesso, é, portanto, fragmentada e insuficiente para subsidiar a compreensão plena sobre os diver-

sos assuntos, inclusive sobre a saúde reprodutiva e questões como prevenção às IST/AIDS, que por si só já são consideradas tabus. Neste trabalho, houve primeiramente a preocupação de se entender a cultura, as propostas educacionais direcionadas aos surdos e assim compreender os determinantes que pudessem influenciar os aspectos da educação preventiva relacionada com sua saúde reprodutiva.

## Buscando Referenciais Teóricos na Implementação das Questões de Educação do Surdo, Tendo em Vista a Sua Sexualidade

Pode-se afirmar que muitos grupos não têm impactos significativos no foco da pesquisa universitária. Os membros da comunidade, as organizações de pequena escala, as minorias e outras pessoas pobres ou desprotegidas que desejam assistência nas questões de ampla mudança social têm procurado por soluções para os problemas diários em contextos particulares: pobreza, exclusão, vício, racismo, preconceitos, degradação ambiental e assim por diante. Não importa para elas se uma universidade tem mais fundos governamentais do que outra ou se é mais influente pelas suas publicações científicas; sua preocupação é se elas podem conseguir ajuda em produzir uma pesquisa que irá auxiliar a resolver seus problemas. Testes de significância, resumos volumosos de pesquisa e prestígio aos olhos de outros acadêmicos não são centrais aos seus interesses – resultados, sim.

Estes grupos sociais, pertencendo ao meio e à extremidade inferior do espectro de poder da sociedade, estão inadequadamente conectados às universidades e raramente influenciam as agendas de pesquisa. Dada a presença de outras pressões na direção dessas pesquisas a partir do governo e dos grandes protagonistas do setor privado, não é surpresa que a pesquisa socialmente relevante esteja marginalizada dentro das universidades. Isso significa que a maioria das pessoas não pode procurar nas academias por assistência para solucionar seus problemas mais prementes. Caso elas tenham sorte, podem enviar seus filhos às universidades e esperar que sejam capazes de se juntar à elite desse modo, mas elas têm aprendido que geralmente não podem esperar assistência direta de muitos pesquisadores acadêmicos para solucionar seus próprios problemas.

Segundo dados do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), a integração de alunos surdos nas universidades, apesar de haver desde 1999 uma portaria do Ministério da Educação (a portaria nº 1.679) que assegure os direitos, no âmbito educativo, aos portadores de alguma deficiência, só recentemente as instituições de ensino têm se estruturado a fim de cumpri-la. Hoje, a universidade com maior número de surdos no Brasil, é a Ulbra (Universidade Luterana do Brasil, no Rio Grande do Sul), com 85 alunos em 23 cursos diferentes.

Urge que organizações governamentais e instituições da organização civil, apoiadas pelas universidades pautadas numa ética que segundo Paulo Freire<sup>5</sup> é *inseparável da prática educativa*, unam-se na luta pelos direitos das pessoas com necessidades especiais, cabendo aqui, de acordo com Ranauro e Sá<sup>6</sup>, não apenas contemplar ações de cunho assistencialista e protecionista, mas aquelas que visem a transformação da sociedade para uma mais igualitária e justa, que ofereça oportunidades de inclusão a todos, pois, não proporcionar condições para uns, é, sem dúvida, privilegiar outros.

Cientes desta realidade, temos buscado não só contemplar em nosso trabalho a questão dos surdos, mas, também, fazê-lo de uma maneira realmente eficaz, tanto do ponto de vista dos resultados pedagógicos quanto também de uma forma ética, que segundo Paulo

Freire<sup>7</sup> é aquela que é *afrentada na manifestação discriminatória de raça, gênero, classe*, e por que não dizer também de manifestações culturais distintas. No entanto, não são muitas as pesquisas nesta área, e justamente pela população surda não ter acesso às universidades, pelo simples fato de não dispormos de uma política pública de acesso igualitário ao portador de necessidades especiais, esta realidade passa despercebida, no silêncio, submersa, como um grande *iceberg*.

Historicamente, sabe-se que a tradição médico terapêutica tem há muito influenciado a definição da surdez, e por conseguinte a abordagem educacional aos surdos, a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, profunda, congênita, pré-lingüística etc.), mas deixou de incluir a *experiência* da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve.

Uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem.<sup>8</sup>

Vale ressaltar que o termo surdo é aquele com o qual a pessoa que não ouve refere-se a si e a seus pares. Por isso, é o termo que preferimos utilizar neste trabalho, em vez de *deficiente auditivo*, por considerar mais a diferença e menos a deficiência.

Capovilla<sup>9</sup> adota o termo *surdo* como aquele que designa a pessoa portadora da condição médica de deficiência auditiva, enquanto o termo *surdo* designa a pessoa que pertence à condição antropológica de membro da Comunidade Surda, que se identifica com seus valores culturais e distingue-se pelo uso da Língua de Sinais.

Com relação às questões de sexualidade e IST/aids, os preconceitos e a desinformação têm causado graves conseqüências para a saúde em geral, suscitando, de todos, conhecimentos adequados para a condução de uma saúde sexual consciente e responsável, destacando a relevância do autocuidado. Atualmente, estas questões passam, como todas as outras questões educativas, por novos paradigmas, para uma visão mais crítica e reflexiva da sexualidade humana, sobretudo por influência do surgimento da aids, que vem contribuir para o desvelar desta temática, ocasionando mudanças de comportamento para o sexo seguro, visando a reverter o quadro pandêmico e epidêmico, severamente existente;<sup>10-11-12</sup>

“Ser vulnerável, no contexto de HIV/aids, significa ter pouco ou nenhum controle sobre o risco de adquirir o HIV ou outra DST. Quando falamos de vulnerabilidade, não estamos identificando quem está correndo maior risco de se expor as DST, AIDS ou fazer uso de drogas, mas sim, procurando fornecer informações de forma que cada pessoa ou grupo específico perceba se tem maior ou menor chance de se infectar ou de se proteger”.<sup>13</sup>

Sendo assim, são várias as situações que podem estar relacionadas com o comportamento de vulnerabilidade e suscetibilidade de toda a população, principalmente os adultos jovens e, no caso da população surda, a necessidade de auto-afirmação, aceitação social dentro da comunidade ouvinte, percepção concreta da realidade à sua volta, principalmente pelo acesso restrito aos meios de comunicação.

Neste contexto, é importante que adolescentes e adultos jovens surdos desenvolvam conhecimentos e habilidades que os auxiliem na adoção de comportamentos que previnam a infecção pelas IST/aids. Desta forma, vemos que propostas direcionadas a trabalhar com adultos jovens surdos devem promover o desenvolvimento destes conhecimentos específicos, como forma de exercitar a tomada de decisão mais acertada para a resolução de problemas, uma vez que oferecer informações isoladas não é suficiente para tal. Por conseguinte, sentimos a necessidade de trabalhar estas questões com esta população.

Pressupondo os riscos que envolvem os adultos jovens em geral, como vivência de uma sexualidade desinformada, por conseguinte uma gravidez não-planejada, com possibilidade de aborto provocado, e IST/aids entre outros, aos quais eles vêm-se expondo no exercício de sua sexualidade, e tendo em vista que se constituem de um contingente populacional extremamente vulnerável às questões mais amplas da sexualidade, principalmente os surdos, pela dificuldade em ter acesso à informação de forma ampla, entendemos que os mesmos necessitam de conhecimentos e habilidades específicos sobre a temática central, para lidar consigo mesmo e com o outro.

## O Surdo e sua Sexualidade

É sabido que a sexualidade não é apenas um dos aspectos da vida do homem e da mulher, mas também como escreve Abdo<sup>14</sup> é um dos mais importantes, pois, aproximadamente 96% dos brasileiros consideram a atividade sexual *importante/importantíssima*, e, segundo ela, só o *amadurecimento físico e emocional... um bom padrão de conhecimento sobre o assunto, bem como hábitos saudáveis de vida e saúde geral preservada, podem garantir êxito na satisfação e no desempenho da sexualidade*.

Segundo a mesma autora citada acima, as principais fontes de informações sobre sexo são *livros e revistas, os parceiros, amigos, TV, e entre as mulheres, o médico*.

Todos estes dados nos reportam ao que foi exposto até agora, ou seja, se o acesso à leitura, com a compreensão plena de todos os dados, é restrito à maioria dos surdos. Pelo comprometimento na linguagem, as informações sobre as questões de sexualidade não são eficientemente captadas, o que tem como resultado pessoas com informações deformadas, cheias de curiosidade, insatisfação e malícia.

O INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) orienta que os pais devem ser os responsáveis pela educação sexual e orientação sexual das crianças surdas, apesar de isto acontecer muito raramente, pois a maioria das famílias é extremamente carente, inclusive de conhecimentos básicos a respeito de sexo ou da própria reprodução humana, somando-se a isso suas próprias experiências traumatizantes, tabus e preconceitos originários de informações erradas e os medos e ansiedade de não saberem como proceder com os filhos.

A orientação sexual ao surdo traz algumas dificuldades a mais para a família e para os profissionais envolvidos, devido a sua limitação da linguagem, que exige informações objetivas, explicadas com simplicidade e riqueza de detalhes.

Não se deve esquecer que o surdo detém uma maior percepção visual e apóia-se, portanto muito mais no comportamento não-verbal, pois, para o surdo, a maneira de explicar vale muito mais do que a própria explicação, e por isso a atitude dos pais e dos educadores é muito importante quando acolhem as perguntas das crianças, por exemplo, com tranqüilidade e não com perturbação e irritação. Sem dúvida, o constrangimento e as mudanças de expressão fazem com que o surdo se fixe no que está vendo, evitando posteriormente novas perguntas e concluindo que sexo é um assunto melindroso e vergonhoso.<sup>15</sup>

Como são raros os exemplos de surdos que tiveram êxito em sua escolaridade, bem como em outras esferas da vida social, nota-se uma expectativa não tão positiva diante da surdez, partindo inclusive da própria família, o que certamente influi na formação da auto-imagem dos pequenos surdos.

A própria abordagem educacional oralista ainda utilizada, que não enfatiza o que o surdo tem, mas o que lhe falta, não considera o fato de esta não possibilitar interações lingüísticas nos níveis mais

profundos da comunicação. Assim sendo, as possibilidades de auto-realização da pessoa surda, o desenvolvimento de sua auto-estima e seu equilíbrio emocional ficam muito prejudicados.

A harmonização da sexualidade do surdo pode ser dificultada por fatores como a sua comunicação, curiosidade não satisfeita, perguntas sem respostas, percepção visual acurada, dificuldade em compreender e explicar sentimentos e dificuldades no controle do ambiente.

Portanto, o que se observa com frequência no comportamento do surdo, é o aumento da fantasia e a aparente exacerbação do interesse sexual, provocado por curiosidade em compreender melhor o mundo e de autoconhecer-se.

## A Educação Voltada a Sexualidade, IST e AIDS

Desde os tempos mais remotos, a sexualidade humana vem sendo trabalhada no cotidiano das pessoas de forma oculta e velada, devido aos mitos, desconhecimento, preconceitos e tabus existentes, cravados ao longo do tempo na cultura dos povos em geral. Quando analisamos as questões relacionadas ao sexo, percebemos que, para muitos, ainda nos dias de hoje, estão ligadas ao pecado, a algo sujo e pecaminoso.<sup>11</sup>

Ao longo dos tempos, o panorama, principalmente da cultura ocidental, vem-se modificando, notadamente pela ação da mídia, que trata estes temas de forma escancarada, estimulando a vivência de experiências sexuais o mais cedo possível, sem, contudo, favorecer uma educação convincente acerca dos riscos decorrentes desta prática. Chega-se à conclusão de que muito se vivencia, porém pouco se fala eficazmente sobre o assunto.

Acontece, a partir deste panorama, um alto índice de aborto e gravidez precoce e/ou não-desejada, principalmente na adolescência. Nas últimas décadas, isto é, de 1970 para cá, surgiram estabelecimentos favorecendo encontros fortuitos, e, com a liberação da censura, expõe-se o obsceno e o pornográfico. Há mudança no conceito de família. Intensifica-se a divulgação da multiplicidade de práticas sexuais (oral, genital, anal, homo, hetero e bissexual, individual e grupal).

Conseqüentemente a este fato, disseminaram-se inúmeras infecções sexualmente transmissíveis e a aids. Isto se reverteu em um verdadeiro desafio à comunidade científica mundial, em confronto às epidemias e pandemias, como no caso da aids, que o próprio homem propiciou diante das circunstâncias vivenciais de risco.<sup>1-16</sup>

Dentro desta dinâmica de questionamentos e crítica, o histórico da sexualidade humana vem-se delineando, suscitando, pois, de todos nós, homens e mulheres, uma visão reflexiva frente a este contexto.

A sexualidade humana, então, desde há muito, vem sendo trabalhada de forma velada no cotidiano dos indivíduos sob a égide de preceitos culturais diversos, o que influenciou e influencia, até hoje, consideravelmente a forma de as pessoas lidarem com este assunto. Isto certamente tem dificultado o acesso às informações adequadas a respeito desta temática, prejudicando desta forma a saúde pública, tanto em nível pessoal quanto coletivo.<sup>16</sup>

Atualmente, nos momentos de pós-modernidade, estas questões passam por novos paradigmas, para uma visão mais crítica e reflexiva da sexualidade humana, sobretudo por influência do surgimento da aids, o que vem contribuir para o desvelar desta temática, em decorrência do aspecto de fatalidade que o próprio HIV ocasionou. Isto suscita uma pedagogia apropriada para a educação do povo, visando favorecer as mudanças de comportamento para o sexo seguro, tendo

como objetivo, reverter o quadro pandêmico e epidêmico severamente existente.<sup>1-10-11</sup>

Por outro lado, nos últimos tempos, as mulheres têm conquistado amplos e complexos espaços em busca de sua liberação sexual, pois ao mesmo tempo em que tem conseguido estar lado a lado com o homem no que diz respeito ao uso do próprio corpo, ainda apresenta dificuldades de trabalhar suas questões sexuais, na negociação do sexo seguro. Contudo, na guerra da aids, a mulher vem alcançando altos índices de contaminação, pois tem tido dificuldade de negociação do sexo seguro com seu parceiro, e, em conseqüência disto, uma vez contaminada, poderá ocasionalmente infectar o seu bebê no período gestacional e pós-gestacional através do leite.<sup>1-11-17</sup>

Desta forma, tratar de temas desta magnitude, torna-se, sobremaneira, complexo, pois como agentes de Saúde e Educação, além de entendermos todos os fatores determinantes das atitudes frente à temática, devemos nos deter em traçar metas e estratégias eficientes para a elevação da qualidade de vida da população, tanto individual quanto coletivamente, no que diz respeito a uma saúde sexual positiva, levando em conta os comportamentos de risco no desempenho das práticas sexuais.<sup>10</sup>

Segundo Chequer<sup>18</sup>

“A gravidade da aids e a escalada das doenças sexualmente transmissíveis não permitem contemporização; dão a urgência para motivar e encorajar os jovens a adotarem práticas seguras para evitar a transmissão das doenças sexualmente transmissíveis e da aids. O trabalho de prevenção dessas doenças, desenvolvido nas escolas e outras instituições, pode ajudar crianças e adolescentes a terem uma visão positiva da sexualidade, a desenvolverem uma comunicação clara nas relações interpessoais, a elaborarem seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreenderem o seu comportamento e o do outro e a tomarem decisões responsáveis, desenvolvendo conhecimentos e atitudes em questão relacionada a sexualidade, DST e aids, que propiciem a escolha de um modo de vida saudável.”

Para Bueno,<sup>11</sup> os tempos de aids, exigem uma pedagogia apropriada que possibilite um diálogo aberto e franco, entre educador e educando, estabelecendo comunicação e linguagem claras, simples e concisas, adequadas e específicas para cada população alvo, levando-se em consideração o nível de complexidade de cada faixa etária. Estas ações devem ser, então, direcionadas para um processo que flexibilize a visão do educador e que vise a formar o educando, um ser pensante e ativo, criativo e participativo, crítico e reflexivo, capaz de mudar a realidade concreta da qual faz parte como cidadão.

Como a transmissão sexual continua sendo a principal forma de exposição/transmissão para o HIV/aids no Brasil e no mundo, faz-se mister desenvolver ações preventivas de grande monta que visem a enfocar questões voltadas a sexualidade e sexo seguro, indiscriminadamente, para homens e mulheres.

Analisando e levando em consideração a importância destes referenciais para a saúde da população, principalmente dos jovens, e especialmente os surdos, depreendemos que a universidade tem um papel especial neste processo, que é trabalhar com a sociedade fornecendo meios favoráveis e satisfatórios para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades com espírito analítico e reflexivo, trabalhando estas questões de forma clara e objetiva, de modo a propiciar instrumentalização e meios adequados para a garantia do fortalecimento de valores estruturais e psicoemocionais. Em se tratando da comunidade surda, para a qual poucas ações se têm voltado para questões referentes a sexualidade, IST e aids, vimos a necessidade de utilizarmos os recursos acadêmicos para tentarmos equacionar problemas que possam emergir deste segmento.

## OBJETIVO

Procurou-se verificar o entendimento que os surdos têm a respeito da aids, para conjuntamente a eles propor ações educativas voltadas para as dúvidas e inquietações demonstradas pelos mesmos.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, participativo, mediado pela pesquisa-ação. Esta pesquisa foi desenvolvida junto a uma classe de surdos de uma escola pública municipal do norte paulista. A amostra constituiu-se de nove sujeitos, alunos surdos, adultos jovens com idade de 18 a 25 anos, matriculados numa classe de EJA (Educação de Jovens e Adultos – no nível de educação básica). A escolha desses sujeitos deveu-se à procura por parte da coordenadora das classes especiais, inclusive da classe em questão, das pesquisadoras que desenvolvem um trabalho docente em parceria com a escola, alegando estar enfrentando problemas relativos à sexualidade de alunos surdos. Naquele momento, foi elaborado o projeto em foco.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas individuais e coletivas, utilizando-se da linguagem de sinais, gravadas em vídeo, com acompanhamento de um instrutor de LIBRAS, sendo posteriormente transcritas. Utilizamos também a Observação Participante dos sujeitos da pesquisa, para melhor compreender a realidade vivida pelos mesmos, em sala, durante as aulas, e dinâmicas realizadas, com registro em diário de campo.

Isto ocorreu após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP.

Paralelamente a este processo, foram desenvolvidas as intervenções educativas tendo como base o referencial teórico metodológico de Freire.

A Educação na Pedagogia da Problematização de Paulo Freire é vista como uma política que pode confirmar ou contestar o *status quo*. Retrata uma teoria da aprendizagem e um modelo de como ensinar com métodos práticos e dinâmicos. Nela, os educadores podem encontrar uma epistemologia, uma pedagogia e uma sociologia da educação vinculadas a um chamamento em favor da democratização da sociedade e das escolas. Ela estabelece a ligação entre a sala de aula e a política de poder da sociedade, prescreve um único modelo para que seja um professor libertador e reconhece as complexidades do ensino para a mudança pessoal e social. O diálogo e a problematização devem ser recriados de modo que a educação libertadora se ajuste às condições de cada novo cenário, fundamentando-se numa concepção hermenêutica do conhecimento humano, como decisiva para as ciências humanas. Ao buscar a validade do conhecimento em processos de discursos racionais, é possível comunicar-se entre si, e daí a ênfase no diálogo, na reflexão compartilhada a partir da experiência da cotidianidade.<sup>11</sup>

Nesta concepção, a educação é vista então como um projeto político que, ao mesmo tempo, rompe as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social. Retraça o trabalho de ensinar como a prática de todos os trabalhadores culturais engajados na construção e organização do conhecimento, desejos, valores e práticas. Ensinar não é só estar em sala de aula, mas estar na história e no imaginário político para levar as mudanças. Assim, associam-se teoria e prática, reflexão e ação, buscando princípios no compromisso social. Fundamenta-se na problematização, na dialogicidade, reflexão crítica, objetividade-subjetividade, ocupando espaços nucleares para a educação libertadora.<sup>7-17</sup>

Freire *in* Bueno<sup>17</sup> retrata e marca, portanto, a história do pensamento pedagógico mundial, renovando as propostas de uma prática educativa progressista que se constrói a partir da realidade e não dos conceitos; inspira a ter esperança e a sonhar; propõe as bases da pesquisa-ação como método participativo na Educação e na Saúde, enumeradas na metodologia da investigação temática e na forma da educação problematizadora, tendo como fundamento, o diálogo aberto como expressão e forma da verdadeira libertação humana.

O educador alicerça seu pensamento numa pedagogia em que há o esforço totalizador da prática, em busca da amplitude de vida, e desvela a sutileza do diálogo pedagógico, implicando tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno do que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador para os educandos. Implica um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. A relação dialógica não anula a possibilidade do ato de ensinar. Estimula o pensamento crítico, inquieto do educador, entregando-se à curiosidade do educando.

Os dados foram analisados conforme Minayo,<sup>19</sup> por categorização das falas emitidas nas questões abertas, para favorecimento da compreensão da visão de mundo destes sujeitos, e de sua realidade concreta, as quais nortearam as propostas de ações e intervenções educativas.

## RESULTADOS

Foram entrevistados nove surdos, seis do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades entre 18 e 25 anos, todos cursando a 3ª Série do Ensino Fundamental, sete solteiros e um casal que vive amasiado, ocupando funções em profissões braçais ou subalternas ou mesmo sem ocupações e aposentados, todos católicos. Seis frequentam a Associação de Surdos local num tempo entre um e três anos, época da fundação da mesma.

**Quadro 1:** Distribuição qualitativa das respostas dos surdos pesquisados sobre a questão:

*O que você sabe sobre a aids?*

Sujeito	Respostas sobre o conhecimento a respeito da aids
1	Se faz sexo com muitas pessoas, homem teimoso, põe chifre. Parece que pega por cheirar droga e injetável. Eu sei muitas coisas, mas agora estou confusa.
2	Eu não tenho. Fico sempre em casa sozinho... aids eu sei que fica bem magro. Eu evito, não quero.
3	Não conheço nada.
4	Também não conheço, não sei nada, nunca vi.
5	Sei que emagrece, que morre. Eu conheço um surdo que já morreu porque usava droga. Sei que quando cortar, machucar tem que sair de perto, não pode mexer no sangue. Se tiver trabalhando com enxada, se alguém cortar, eu vou pedir ajuda porque sei que pode passar a doença.
6	Não sei muita coisa.
7	Conheço aids, vi prostitutas na cidade com aids, eu nunca fiquei doente porque nunca tive contato com ninguém assim.
8	Conheço aids, como pega, sei que é pelo sangue.
9	Sei que emagrece, conheci um homem que era gordo, ficou magro e morreu. Não sei como pega.

Dos surdos pesquisados, adultos jovens, com idades entre 18 e 25 anos, todos estão cursando a 3ª Série do Ensino Fundamental, o que demonstra a dificuldade que os surdos têm de acompanhar a escolaridade na faixa etária esperada, visto a compreensão que as escolas ainda têm de que a oralização está em primeiro lugar em detrimento aos conteúdos curriculares, e que a fala é o que inclui o surdo no mundo ouvinte. Sem dúvida, a comunicação é de suma importância, porém, o que a abordagem do bilingüismo questiona é se o aprendizado através da língua de sinais como primeira língua e posteriormente incluir o domínio da língua portuguesa na sua modalidade escrita, deixando a cargo do próprio surdo a opção pela língua oral, não seria o mais adequado.<sup>8</sup>

Como deixamos claro, o objetivo neste trabalho não é o aprofundamento sobre o melhor método de aprendizado para o surdo, porém, mesmo a classe na qual foram coletados os dados para esta pesquisa tendo uma intérprete de LIBRAS, os surdos têm bastante dificuldade no aprendizado dos conteúdos curriculares, principalmente porque todos eles vieram de uma metodologia oralista, tendo assim pouco domínio da língua de sinais, pois todos eles aprenderam durante sua participação na Associação de Surdos Local, que teve sua fundação há três anos.

Esta dificuldade ficava clara quando, para que a pesquisadora pudesse desenvolver tanto a coleta de dados quanto as oficinas pedagógicas, havia a necessidade de aguardar os alunos terminarem *as tarefas*, e a professora em relato anotado no diário de campo afirmou ser de grande dificuldade o ensino aos surdos, *pelo problema de compreensão que eles apresentavam*.

Valeria aqui tentarmos a inversão epistemológica do problema da inclusão como propõe Skliar e Quadros<sup>20</sup>, discutindo o discurso e a prática cultural em torno dos *outros*, no qual não existe um único mundo disponível, e sim vários mundos que se impõem e superpõem criando novas e complexas perspectivas sobre questões como *cultura, línguas, identidades e diferenças*.

Vigiamo-nos uns aos outros para não dizer aquelas palavras, para evitar aqueles gestos, para denunciar aquelas atitudes que não representam de forma benigna os conflitos culturais. Deste modo, os problemas culturais ficam mascarados em modos ligeiros de dizer e de olhar.<sup>20</sup>

Do estado civil dos sujeitos estudados pudemos constatar que o único casal existente era de surdos, e que todos os solteiros que expressaram algum anseio em casar-se ou namorar quase sempre o fizeram com relação à preferência pelo parceiro surdo; talvez isto se dê pelo fato da questão própria da cultura, na qual existe a identificação com o outro surdo. Em algumas falas dos sujeitos, pudemos ver a dificuldade e falta de disposição do ouvinte em entender o surdo, sendo vista a atenção por parte do ouvinte como algo diferente, não habitual, de importância, como em falas do tipo *tenho uma prima na Bahia que sabe sinais, ela me ajuda*, ou *é ouvinte, conversou comigo, ela entende um pouco de sinais, é inteligente*.

Com relação à ocupação dos sujeitos, corroborando com a opinião de Soares<sup>4</sup>, pudemos observar que eles desenvolvem atividades subalternas ou mesmo são aposentados, aceitando a condição de *menores, não aptos, não capazes* de desenvolverem atividades de acordo com suas potencialidades. Pouco mais da metade dos sujeitos frequentes à Associação de Surdos do município, enquanto os outros não o fazem por residirem em cidades vizinhas, menores e que não possuem nenhum serviço ou agremiação similar, tendo a associação local também sua fundação recentemente, há três anos.

## DISCUSSÃO

O que os surdos sabem sobre a aids:

Sei muita coisa, mas estou confusa...

Este apelo quase gritante sobre a falta de possibilidade de lidar de forma adequada com os conhecimentos que lhes são veiculados, torna os surdos uma população extremamente vulnerável no que diz respeito às questões que envolvem sua sexualidade e por consequência as IST e a aids. O não conhecimento tolhe a liberdade de exercício real da cidadania, por interferir na autonomia do homem e da mulher<sup>21</sup>. *Não sei nada, não conheço nada, não sei como pega* são formas explícitas de demonstrar que as informações necessárias para a tomada de decisão acertada com relação à aids são insuficientes. Além do que fica claro neste discurso que podemos entender que embora haja o conhecimento, existe a insegurança do surdo em saber se aquela informação que detém é aquela considerada “correta” pelo ouvinte.

Interessante notar que em sua essência as respostas emitidas pelos surdos não diferem muito aos dados encontrados numa população de adultos jovens universitários ouvintes, pois a necessidade de informações a respeito da temática também foi uma tônica, assim como a ligação com aspectos como promiscuidade, drogas, algo a ser evitado, morte e contato com sangue.<sup>1</sup>

Eu evito...

O senso comum já nos aponta para a necessidade de evitar o contágio de doenças, os surdos têm a noção exata de que isto é necessário, porém, quando as suas falas exibem esta questão, o fazem considerando que o fato de ficar em casa *sozinho*, ou mesmo afastar-se do contato físico quando *alguém se machuca*, pode protegê-los. Segundo Freire<sup>8</sup>, a ignorância, ou falta de conhecimento, não dá condição para que a autonomia seja exercitada. Muitas vezes o fato de se ignorarem as formas de contágio, as maneiras de prevenir-se, no caso, das infecções sexualmente transmissíveis, pode colocar o indivíduo numa situação de vulnerabilidade, que o exponha ao risco de contrair alguma delas sem que o mesmo sequer possa entender o porquê de tal fato.<sup>1-10-11</sup>

*Eu nunca fiquei doente porque nunca tive contato com ninguém assim*, isto se referindo às prostitutas. O evitar a doença muitas vezes pode remeter o surdo a um afastamento das pessoas, sem que se tenha como questionar em maior profundidade, inclusive o preconceito que esteja embutido nesta fala. Os tabus e preconceitos que envolvem tanto as questões da sexualidade e, por consequente, os profissionais do sexo, podem ser a razão deste depoimento.<sup>1-11-17</sup>

Sangue, não pode mexer...

O contágio através do sangue é conhecido pelos surdos, um deles chegou a afirmar que, trabalhando com enxada, caso algum companheiro se machuque, ele não vai tocá-lo e sim vai pedir ajuda, pois sabe que *pode passar a doença*. Quando ele mesmo sinaliza que *não pode mexer no sangue*, entendemos que nenhuma forma de proteção é conhecida a não ser o distanciamento, não se falou em barreiras contra o contato com o sangue, nem ao menos foram citados possíveis ferimentos como porta de entrada. Presume-se que no entendimento dos surdos estudados o vírus teria acesso através da pele íntegra, o que carece de uma intervenção educativa para sanar o equívoco.

Sei que morre...

A aids é vista atrelada à morte; no relacionamento dos surdos houve a experiência da morte ligada à doença, inclusive de um surdo “conhecido” que já morreu. Este fato vem de encontro à idéia intencionalmente difundida no início da doença, que posteriormente se tentou reverter, porém vimos que ainda hoje há a imagem desta ligação de forma bastante contundente. Em dados de pesquisas anteriores,<sup>1</sup>

vimos que esta relação existe em todas as esferas da sociedade, carecendo de esclarecimentos quanto ao aumento da sobrevivência oferecida atualmente graças aos medicamentos desenvolvidos, não se questionando a qualidade de vida, e sim a proximidade com a morte.

Ele usava droga...

A ligação das drogas com a aids está presente na fala dos surdos, apesar da dúvida se é possível contrair aids *por cheirar droga* ou usá-la *injetável*, existe o conhecimento de caso de um surdo que morreu com aids *porque usava droga*.

Interessante notar que o surdo que em seu depoimento afirmou já ter usado droga enquanto adolescente, nem sequer citou a possibilidade de contrair a doença desta forma.

Dados apontam para a relação drogas e aids como um dos principais meios de contágio<sup>1-10</sup>, porém nos surdos entrevistados esta relação não ficou tão evidente quanto necessária para afirmarmos que os mesmos detêm o conhecimento necessário para uma atitude segura frente à questão das drogas.

Se faz sexo com muitas pessoas...

A promiscuidade aparece com veemência na fala de alguns sujeitos, quando afirmam que *o homem teimoso que põe chifre, fazendo sexo com muitas pessoas*, certamente seria um candidato a contrair aids, ou quando dizem que conhecem *umas prostitutas com aids na cidade*, certamente a inter-relação sexo e aids está dada.

Não houve nas falas qualquer alusão a formas de proteção relacionadas ao sexo, apenas apareceu a ligação da prática sexual com muitos parceiros como possível forma de contágio para a aids, independente de ser homem ou mulher.

Vejo a aids...

O que nos chamou a atenção nos dados destes sujeitos foi a questão de esses relacionarem a aids com algo visível, como o emagrecimento.

Mesmo aquele surdo que afirma que prefere ficar em casa “protegendo-se”, consegue *ver* a aids a partir do emagrecimento. *Sei que emagrece, conheci um homem que era gordo, ficou magro* e depois morreu.

Os surdos têm seu sentido da visão bastante aguçado, até como compensação pela ausência da audição<sup>8</sup>, o que nos pode levar a inferir que a questão exterior, visível, pode ter relevância especial no caso dos surdos, indicando-nos talvez uma direção a respeito da metodologia a ser adotada com relação à ação educativa.

## CONCLUSÃO

É certo que, depois de todo o exposto, depreendemos que os surdos, apesar da dificuldade na apreensão de informações veiculadas para ouvintes, conseguem tomar parte de conteúdos sobre as questões referentes à aids. Porém, entendemos que algumas formas de nivelamento devem ser efetuadas para suprir o necessário para uma tomada de decisão frente à prevenção do contágio pelo vírus da aids.

Não existe de forma alguma a necessidade de o conteúdo ser ajustado aos surdos, pois os mesmos não têm comprometimento em sua inteligência pelo fato de serem surdos. É imperioso, sim, que a linguagem utilizada seja trabalhada para a melhor captação de informações, visto que a maior parte delas, no caso dos sujeitos estudados, são otimizadas pelos sentidos da visão e do tato.

Experiências em que são utilizados recursos visuais ricos, bem como surdos serem exercitados em sua capacidade de se tornarem

agentes multiplicadores das informações recebidas com seus pares, parecem ter resultados bastante promissores. Profissionais de educação e saúde precisam estar atentos para a peculiaridade da linguagem e língua dos surdos, respeitando-os como uma cultura que tem como experiência única e exclusiva a não utilização da audição, o que não os faz *menos*, e sim *diferentes*; e por conta desta diferença precisam ser respeitados e atendidos como cidadãos capazes e detentores dos mesmos direitos de todos os ouvintes dentro de uma sociedade igualitária e justa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bento ICB. Problematização e Pesquisa Ação em Sexualidade, DST-Aids com universitários – Dissertação de Mestrado EERP-USP – Ribeirão Preto; 2000.
2. Bernardino EL. Absurdo ou lógica? a produção lingüística do surdo. Belo Horizonte: Profetizando Vida; 2000.
3. Niskier A. LDB: A nova lei da educação. Rio de Janeiro: Consultor, 1997.
4. Soares MAL. A educação do surdo no Brasil, Campinas: EDUSF; 1999.
5. Freire P. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa, 18ª Ed. São Paulo: Paz e Terra; 2001.
6. Ranauro H, SÁ NRL. Considerando as pessoas com deficiência. Manaus: Semente de Vida; 1999.
7. Freire P. Documento/20 anos de Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Yangraf; 2000.
8. SÁ NRL. Cultura Poder e Educação de Surdos, Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas; 2002.
9. Capovilla CC, Raphael WD (Eds). Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira. 2ª Ed. Vol 2. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado; 2001.
10. Bueno SMV. Educação para Saúde e Orientação Sexual. Guariba: Guariart; 1994.
11. Bueno SMV. Marco conceitual e referencial teórico da educação para saúde: orientação à prevenção de DST-AIDS e drogas no Brasil, para criança, adolescente e adulto jovem – Documento. Brasília: Ministério da Saúde/CNDST-AIDS; 1997.
12. Francisco MTR. AIDS intervention among state university students – a Brazilian experience. Rio de Janeiro: Velocidade; 1999.
13. Pimenta C. Prevenir é sempre melhor. Boletim da Coordenação Nacional DST/AIDS – Ministério da Saúde nº 9. Brasília: PNDST/AIDS; 1999.
14. Abdo C. Estudo da Vida Sexual do Brasileiro. São Paulo: Bregantini; 2004.
15. INES [http://www.ines.org.br/ines\\_livros](http://www.ines.org.br/ines_livros) - acesso dia 20/11/2004.
16. Bueno SMV. Educação para Promoção da Saúde Sexual/DST-AIDS. Ribeirão Preto: Villimpress; 1995.
17. Bueno SMV. Educação Preventiva em Sexualidade, DST-Aids e Drogas nas Escolas – Livre Docência EERP-USP, Ribeirão Preto: 2001.
18. Chequer P. Apresentação. In BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE Manual do multiplicador adolescente. Brasília: PNDST/AIDS; 1997.
19. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 6ª Ed. Hucitec-Abrasco: São Paulo; 1999.
20. Skliar C, Quadros R. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. Estilos da Clínica 1990; V(9): 32-51.
21. Reis SB. Educação Política: educar para a liberdade, educar para a responsabilidade, São Paulo: Pannartz/UPE; 1990.

**Endereço para correspondência:**

**ISABEL CB BENTO**

Rua Anita Garibaldi, 951, Campos Elíseos, Ribeirão Preto, SP.

CEP: 14080-280.

E-mail: isabel.belasco@gmail.com

Recebido em: 19/06/05

Aprovado em: 27/09/05